



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

SARAH MARINHO DE SOUSA SIMPLÍCIO

**LEITURA E CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS:
ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS NO
DESENVOLVIMENTO DA IMAGINAÇÃO INFANTIL**

BRASÍLIA, 2015

SARAH MARINHO DE SOUSA SIMPLÍCIO

**LEITURA E CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS: ESTRATÉGIAS
PEDAGÓGICAS NO DESENVOLVIMENTO DA IMAGINAÇÃO
INFANTIL**

Monografia apresentada à banca examinadora da Faculdade de Educação, como requisito à obtenção do título de graduação do curso de Pedagogia da Universidade de Brasília, sob orientação da professora doutora Cristina Massot Madeira Coelho.

BRASÍLIA, 2015

SARAH MARINHO DE SOUSA SIMPLÍCIO

**LEITURA E CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS: ESTRATÉGIAS
PEDAGÓGICAS NO DESENVOLVIMENTO DA IMAGINAÇÃO INFANTIL**

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Cristina Massot Madeira Coelho

Orientadora – Universidade de Brasília

Prof^a. Dr^a. Fátima Lucília Vidal Rodrigues

Banca Examinadora – Universidade de Brasília

Prof^a. Dr^a. Maria Alexandra Militão Rodrigues

Banca Examinadora – Universidade de Brasília

Débora Cristina Sales Vieira

Avaliadora Suplente

BRASÍLIA, 2015

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela oportunidade de ingressar, permanecer e me formar na Universidade de Brasília em Pedagogia e assim tornar real meu sonho de infância.

Agradeço a Manoelita, minha mãe, amiga, super heroína, que me ajudou a tornar-me a ser tudo que sou hoje. Sempre me apoiando, me dando forças e motivando a continuar mesmo diante das dificuldades. Se não fosse por ela, não poderia realizar este sonho.

Agradeço aos meus irmãos, Pedro e Gabriel, que me ensinaram a compartilhar, amar e a compreender as diferenças. E apesar de inicialmente não aceitarem minha decisão, entenderam que nasci para ser professora e me apoiaram.

Agradeço ao Natan, meu namorado e melhor amigo, que me acompanha desde o Ensino Médio e me ensinou o que é amar, perdoar e a importância de uma companhia. Sempre me apoiando e me acalmando em todas as crises.

Agradeço a Cristina Madeira-Coelho, professora essencial no meu processo de formação como pedagoga e orientadora deste trabalho, que me ensinou a ter calma, superar e colher frutos das crises e decepções e, principalmente, entender que cada ser é único, usando termos acadêmicos: a subjetividade do sujeito.

Agradeço à professora Maria Alexandra Militão por ter despertado em mim o que eu havia esquecido há anos: o gosto pela literatura e escrita. E por aceitar ser parte da banca examinadora deste trabalho.

Agradeço à professora Fátima Vidal por compartilhar experiências maravilhosas. E por também ter aceitado ser parte da banca examinadora.

Agradeço à professora Silvia Ester Orrú por me proporcionar pesquisar sobre Práticas Pedagógicas Inovadoras e ler livros fundamentais para minha formação.

Agradeço aos professores da escola, a qual estudei quase todo meu Ensino Fundamental e Médio, com certeza, sem eles não chegaria onde estou agora.

Agradeço às minhas amigas, Sofia e Leticia, que tornaram o curso ainda mais agradável, animado e divertido.

Agradeço a Glaucia, grande amiga e exemplo de pedagoga, por me ensinar a ser melhor profissionalmente, pelos conselhos, por ouvir minhas lamentações, pelas discussões enriquecedoras sobre educação e, principalmente, pela oportunidade de trabalhar ao seu lado.

Por fim, agradeço a todos os educandos que passaram por minha vida até aqui, porque é na prática do dia a dia que mais consigo aprender e me aperfeiçoar como pedagoga.

“Virou-se para a raposa:

– Adeus!

– Adeus! – retrucou a raposa. – Eis meu segredo. É muito simples: só se vê bem com o coração. O essencial é invisível aos olhos”.

Antoine de Saint-Exupéry

SIMPLICIO, Sarah Marinho de Sousa. *Leitura e contação de história: estratégias pedagógicas para o desenvolvimento da imaginação*. Brasília – DF, Universidade de Brasília/ Faculdade de Educação, 2015. Monografia. (Graduação em Pedagogia)

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo geral compreender o valor das práticas de leitura e contação de história como estratégias pedagógicas para o desenvolvimento da imaginação. Foi realizado um trabalho de pesquisa-ação em uma turma de Educação Infantil, com crianças de quatro e cinco anos de idade, em uma escola conveniada com o Governo do Distrito Federal. A pesquisa foi organizada em dois momentos: o primeiro de observação da turma e o segundo de intervenções de leitura. E a partir do período de observação, pude perceber que o espaço destinado à leitura, um espaço com livros disponíveis para as crianças o tempo inteiro, que aqui eu chamo de “Cantinho da Leitura”, não estava sendo utilizado pelas crianças com esse objetivo. Então, surgiu a ideia de reconstruí-lo com as crianças. Neste trabalho também busquei entender a ligação entre literatura infantil e imaginação e identificar os processos imaginativos das crianças, a partir de práticas de reconto oral, dramatização e desenhos. Com o trabalho pude perceber a presença da imaginação em práticas de contação de histórias e leitura.

Palavras-chave: Contação de História. Imaginação. Cantinho da Leitura.

SUMÁRIO

Memorial.....	9
Introdução.....	14
Capítulo I: Fundamentação Teórica.....	16
1.1 Contação de História	16
1.2 A Literatura Infantil.....	18
1.2.1 Breve histórico	18
1.2.2 Contação de história e da leitura	22
1.3 Imaginação	24
Objetivos	28
Capítulo II: Metodologia.....	29
2.1 Pesquisa-ação	29
2.2 A escola	30
2.3 A turma	32
2.4 Cantinho da Leitura e Contação de História	33
2.5 Planejamento.....	34
2.6 Registros.....	35
Capítulo III: Análise e Discussão	36
3.1 Passeando pela Floresta	36
3.2 José e o Restaurante.....	38
3.3 Chapeuzinho Vermelho	42
3.4 Cantinho da Leitura	44
3.5 Depois do foram felizes para sempre	50
Considerações Finais	53
Perspectivas Futuras	55
Referências.....	56

MEMORIAL

Eu nasci em 1994, em Brasília, sou a caçula e a única menina. Tenho dois irmãos, oito anos mais velhos, e fomos criados somente pela nossa mãe. Com três anos comecei a ir à escola privada, Instituto Educacional Santo Elias, localizada em Sobradinho, um dos bairros do Distrito Federal.

Quando eu tinha cinco anos, nos mudamos para Fortaleza, cidade natal de toda a minha família. Lá moramos durante um ano, e também estudei em escola privada. Em seguida fomos para Iguatu, cidade do interior do Ceará, onde também permanecemos durante um ano e estudei em uma escola privada.

Nesta escola, eu iniciei o processo de alfabetização, lembro-me que a professora escrevia trava-línguas no quadro e quem conseguisse ler, ganhava uma balinha. Tenho ótimas lembranças dessa escola, apresentávamos peças de teatro para toda à escola, lembro-me bem das apresentações do Sítio do Picapau Amarelo, em que eu sempre interpretava a Narizinho.

Apesar de boas memórias, é desta escola que me lembro quando penso em como fui alfabetizada, porque ao final do ano a professora me disse que eu estaria de recuperação por não saber exatamente a ordem do abcdário. Esta cena nunca mais saiu da minha memória: eu ficava sentada em um banquinho de madeira, olhando para a parede, onde estavam todas as letras do ABC, feitas de emborrachado, obviamente, na ordem do abcdário. Ela pedia para que eu repetisse várias e várias vezes até conseguir dizer a ordem sem olhar para a parede. Depois de duas semanas indo todos os dias para a escola memorizar a ordem do ABC, fui aprovada.

Com a aprovação, tornei-me doutora do ABC! Teve uma cerimônia, usei um vestido azul de princesa, dancei valsa com o meu primo... ganhei até um anel! A partir desse momento, sentia-me dona das palavras. Se já gostava de histórias e livros antes, acredito que foi a partir deste ponto que tudo se intensificou.

Novamente me mudei, fui para outra cidade no interior do Ceará, Juazeiro do Norte, lá fiquei apenas seis meses. E voltei para Sobradinho, minha cidade natal.

Voltei para a mesma escola privada que estudava aos três anos, na metade do atual 2º ano. Lembro-me pouco do ensino fundamental, uma memória bem marcante foi a professora de português do 6º ano, a Emanuelle. Ela era bem diferente de todos os professores que já conhecia, aprendíamos a gramática com situações, frases e verbos que eram comum no nosso cotidiano, tudo parecia fazer mais sentido depois que ela explicava.

Outro professor muito importante foi o de geografia, Luciano, que fazia tudo virar música. Até hoje sei cantar a música da Galinha Azul que nos ensinou os pontos cardeais. Fez-nos pintar diversos mapas, para assim entender tabelas, escalas, localização geográfica. Ele nos acompanhou até o último ano do Ensino Médio.

Muitos outros professores foram essenciais no meu percurso escolar: o Leonardo, excelente para explicar história, com ele aprendi a ser um pouco mais crítica com os acontecimentos históricos. A Lidiane, professora engraçadíssima de biologia, que entendia minhas dificuldades com aulas de laboratório e me liberava. A Priscila, professora de ciências, que sempre tentou me ajudar, me fez aprender tudo sobre células e ainda usamos sucatas na construção deste conhecimento. O Julio, professor de educação física, que me acolheu quase como filha durante todos os meus anos escolares. Por fim, a Thailise, o Jailton e a Cristine, professores de língua portuguesa e literatura, que me encantaram com a gramática, as poesias, livros, textos literários e com a escrita.

Não sei se meu sonho de ser professora surgiu como inspiração destes acima citados ou se já era da minha própria natureza. Na minha infância inteira brinquei de ser professora, enfileirava meus ursinhos de pelúcia, escrevia no quadro de giz, fazia atividades e provas, contava diversas histórias. E se um deles conversasse demais, iam para a diretoria, no escritório da minha mãe. Comemorávamos todos os dias especiais, ensaiávamos até quadrilha. Sempre

soube que era esta a profissão que queria seguir, nunca duvidei que havia nascido para isso.

Na adolescência, dedicava todo o meu tempo livre à leitura. Li diversos livros, tanto os que a escola obrigava, como os que estavam ou não fazendo sucesso nas livrarias. A leitura sempre me serviu como fuga, lia para viajar, imaginar, sair de momentos ansiosos ou estressantes. A leitura sempre foi uma grande paixão e eu não entendia como alguns colegas da escola não gostavam.

No momento de escolher o curso, sabia que queria ser professora, mas ainda não havia decidido qual seria a melhor opção. Optei por Letras – Português, devido às influências dos professores desta área, ao gosto pela leitura e aos meus irmãos que acreditavam que um dia eu iria desistir de ser professora e com esse curso poderia tentar trabalhar com edição, revisão ou afins.

A Universidade de Brasília sempre foi um sonho para mim, meus irmãos mais velhos já haviam conseguido uma vaga e um deles estava se formando quando prestei vestibular. Criei muitas expectativas, imaginava um mundo quase mágico para a UnB. Passei no meio do 3º ano do Ensino Médio, em 2011, entrei com processo judicial para conseguir a vaga mesmo sem ter terminado a escola. Consegui, estava encantada com todas as novas possibilidades de experiências que eu teria.

Mas meu primeiro semestre foi, como dizem popularmente, um banho de água fria. Não gostei das disciplinas, do ambiente e não me identificava com os costumes da maioria das pessoas. Arrependia-me de ter saído antecipadamente da escola, mas ainda acreditava que Letras era o que eu queria para a vida.

No segundo semestre comecei a estagiar em uma escola de Ensino Médio, trabalhava corrigindo redações e revisando comunicados e provas da escola. Às vezes podia entrar em sala e acompanhar os professores e foram nesses momentos que eu comecei a perceber que não gostava de dar aula para adolescentes.

No terceiro semestre, peguei uma disciplina chamada Processo de Alfabetização, apenas por curiosidade. Esta foi a primeira matéria de Pedagogia que me encantou, a professora Paulo Cobucci era apaixonante. Aprendemos todos os métodos de alfabetização, analisamos, debatemos e criticamos alguns livros didáticos, construímos aulas de alfabetização. Estava mais do que apaixonada pela disciplina, queria sempre ler e pesquisar mais sobre todos os assuntos abordados.

Quando dizia para as pessoas que queria mudar de curso, todas me criticavam. Diziam que Pedagogia não ia dar dinheiro, que eu estava sendo precipitada, que devia terminar logo o curso que comecei, etc.

No início do quarto semestre, a UnB me desligou por mandato judicial alegando que entrei irregularmente na universidade e que ainda não havia certificado de Ensino Médio. Na verdade, foi apenas falta de comunicação e erro interno na própria universidade. Mas foi isso que me fez decidir mudar de curso de uma vez.

No meio do ano de 2013, fiz o vestibular para Pedagogia e passei. Iniciei meu quinto semestre de UnB muito mais motivada, cursei disciplinas que me despertavam verdadeiro interesse, conheci todas as possibilidades de profissão que este curso oferecia. Ainda me interessava por leitura e escrita, mas agora com outra visão, queria entender como acontecia o processo de aquisição de linguagem e de escrita, como as crianças se interessavam ou não pela leitura, etc.

No sexto semestre conheci a professora Silvia Ester Orrú, que me reafirmou ainda mais meu sonho de ser professora e o quanto isso me exigiria responsabilidade com as crianças. Ampliou minha visão também para os educandos com deficiência. Com ela também iniciei uma pesquisa sobre práticas pedagógicas inovadoras, tive a oportunidade de viajar para São Paulo e conhecer diversas escolas, ler vários livros sobre o assunto e refletir mais sobre a educação atual e tradicional.

Neste mesmo semestre também conheci a professora Cristina Madeira-Coelho, orientadora deste trabalho final de curso, que me proporcionou leituras

essenciais para minha formação como educadora, me oportunizou conhecer professoras da rede pública de ensino aqui do Distrito Federal excelentes, exemplos de educadoras. Aturou-me em todas as crises de o que pesquisar, observar ou escrever. Sempre foi compreensiva com minha dificuldade de colocar as palavras no papel e torná-lo um trabalho acadêmico. Não tenho palavras para descrever como esta professora foi essencial no meu processo de formação como pedagoga.

Nesse período comecei a fazer estágio não obrigatório em uma empresa de acompanhamento pedagógica, onde pude atuar como professora, compreender diversas dificuldades e especificidades dos estudantes. Tive oportunidade de trabalhar com alunos em processo de alfabetização, com necessidades educacionais específicas, desinteresse pela leitura, escrita e até pela escola. Vivenciei diversas experiências, até na área de coordenação pedagógica, e me interessava ainda mais em estudar e pesquisar como poderia mudar para melhor a vida escolar dessas crianças.

Já nos últimos semestres, conheci a professora Alexandra Militão e cursei Oficina do professor leitor/escritor, outra professora fundamental no meu processo de formação. E foi neste momento que relembrei como a leitura era apaixonante e me causava tantas curiosidades.

A partir disso comecei o estágio com foco em como despertar nas crianças o gosto pela leitura, trabalhei com contação de história com apoio do livro e fiz atividades que iam muito além da interpretação de texto comum. Já na segunda fase do estágio trabalhei com contação de história, com apoio ou não do livro, e foquei também em como a leitura motivava a imaginação das crianças.

É a partir dessas experiências de estágios, das curiosidades ao longo da minha vida até aqui, da paixão pela leitura e pela infância, dos momentos de viagem e imaginação por meio de histórias e livros, das pesquisas sobre práticas pedagógicas inovadoras que a ideia deste trabalho começou a surgir. E se materializou nas páginas a seguir.

INTRODUÇÃO

Todos nós somos contadores de histórias, contamos histórias variadas, sobre diversos assuntos. A maioria de nós gosta muito de narrar histórias, contar como foi o dia, lembrar alguma vivência ou repassar algum ensinamento. Tudo que narramos é história.

Sendo assim, desde crianças aprendemos o hábito de contar e ouvir histórias e talvez nos motivamos a ler livros porque ficamos curiosos com as histórias que ouvimos. Mas por que será que é tão interessante ouvir e contar histórias? Por que conseguimos viajar pelos livros? E às vezes até aprender com as atitudes dos personagens?



Imagem 1: Fugindo da realidade, autor desconhecido

É a imaginação que nos faz viajar, entrar na história e nos possibilita novas vivências, novas ideias, afetos, mundos e linguagens. Ela se transforma em meio de ampliação da experiência de um indivíduo porque, com a contação de história, ele pode imaginar o que não viu, o que não vivenciou diretamente em sua experiência pessoal. (VIGOTSKI, 2009)

Esta pesquisa visa compreender o valor das práticas de leitura e contação de histórias como estratégias pedagógicas para o desenvolvimento da imaginação. Este objetivo se desdobra em mais três específicos: entender a relação entre a literatura infantil e a imaginação; identificar processos imaginativos das crianças em práticas de reconto oral, dramatização e desenhos; construir, em conjuntos com as crianças, hábitos de cuidados e utilização do *Cantinho da Leitura*, espaço destinado à leitura.

A metodologia da pesquisa é a pesquisa-ação, em que tanto o pesquisador interage com os fatos e está envolvido, em conjunto com os participantes, de modo cooperativo. (THIOLLENT, 1985) E este processo de pesquisa deve se tornar um processo de aprendizagem tanto para o pesquisador como para os participantes (KRAPP, 1982).

A pesquisa foi feita em uma escola de Educação Infantil conveniada com o Governo do Distrito Federal. Os sujeitos da pesquisa são crianças entre quatro e cinco anos de idade, que estão no primeiro período da Educação Infantil.

Este trabalho se organiza em quatro capítulos, são eles:

Capítulo I: Fundamentação teórica, em que conceituo brevemente a prática de contação de histórias e os conceitos de literatura infantil e imaginação e a relação entre eles.

Capítulo II: Metodologia, em que se descreve a metodologia, o contexto, os participantes e os instrumentos de pesquisa.

Capítulo III: Análise e Discussão, onde contarei alguns episódios que aconteceram no momento da pesquisa-ação e os relaciono com a fundamentação teórica.

Considerações finais, onde sintetizo as aprendizagens e exponho as possíveis pesquisas futuras.

CAPÍTULO I

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Ler, pra mim, sempre significou abrir todas as comportas pra entender o mundo através dos olhos dos autores e da vivência das personagens... Ler foi sempre maravilha, gostosura, necessidade, primeira e básica, prazer insubstituível... E continua, lindamente, sendo exatamente isso!

Fanny Abramovich

Como a base deste trabalho é a prática de contação de história, a literatura infantil e a imaginação, com crianças de quatro e cinco anos, acredito que seja essencial compreender estas práticas e conceitos. Qual sua importância para as crianças e também como estes conceitos e estas práticas podem ser relacionados. Sendo assim dividi o primeiro capítulo em três tópicos, um para cada conceito: Contação de história, Literatura infantil e Imaginação.

1.1 CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS: A cultura humana de narrar contando histórias

Todos nós contamos histórias, o tempo inteiro: quando narramos uma lembrança já vivida; ou contamos o que ouvimos de outras pessoas; ou descrevemos um fato que vimos; ou mesmo quando queremos informar outra pessoa sobre o que vimos na novela ou lemos em um livro. Como diz Pontes (2006) em seu livro de literatura infantil *Uma história sem pé nem cabeça*:

Existe história para tudo no mundo. Há as histórias celestiais, siderais e terrenas. Histórias que saem da cabeça, do pé, da boca e do coração. Até o vento inventa histórias. Quando o vento sopra, seu sopro cai no poço, no coração do povo. Que pega água para regar a terra. E do fruto da terra todos comem e pela boca do povo as histórias se espalham pelo mundo de novo.

Essa cultura de contar histórias está presente em nós, seres humanos, desde sempre. Com isso surgem os contos populares, que aconteciam antes

da escrita e acontecem até hoje, tanto nas escolas como nos lares. Fernandes (2008, p. 19) esclarece:

Ao recuarmos a esse tempo, à época primitiva, das fogueiras, das imagens rupestres, verificamos que o homem teve sempre uma necessidade inata para comunicar com os outros e de criar histórias sobre o desconhecido. É deste modo que surgem lendas e mitos. Através de narrações fantásticas, o homem primitivo compreendia a natureza, o universo e desenvolvia a capacidade de imaginar. Deuses, heróis e personagens sobrenaturais misturavam-se com o mundo real para responderem a interrogações e orientarem o desconhecido.

Muito antes da escrita, nós já possuíamos essa tradição oral, ou seja, contar uma história era o meio mais fácil e utilizado para passar informação, tradição, cultura, e até mesmo como meio de diversão. As histórias eram passadas de geração em geração e contadas por pessoas de culturas diferentes, embora as imagens da história central possam permanecer sempre constantes com o passar do tempo, o contador as desenvolve em um contexto contemporâneo, em conjunto com o público (ROGOFF, 2005), por isso estão sempre mudando, se adaptando ao tempo em que se conta, ou seja, as histórias narradas são sempre dinâmicas.

Segundo Fernandes (2008, p. 21) a oralidade é movimento, ritmo e gesto. E depois do surgimento da escrita, os contos são transmitidos nos papeis e perdem a força original. Refletindo sobre isso, podemos associar que a contação de história envolve uma participação coletiva, duas pessoas ou mais precisam participar e se envolver com esse momento. Já a leitura de um livro é mais individual, envolve apenas o leitor com ele mesmo, e a forma como ele vai interpretar a história é subjetiva, porque é um momento de relação apenas com o “eu”, sujeito subjetivo.

Nossa primeira convivência em sociedade, ou em coletivo, é na família, sendo também a primeira a nos contar histórias. A imagem cultural que temos de vovós com seus netos no colo contando histórias é um exemplo desta tradição. Ou os pais que contam histórias para seus filhos conseguirem dormir. Rogoff (2005, p. 221) acredita que a comunicação com outras pessoas auxilia no desenvolvimento da cognição, quer dizer que uma avó contar histórias para

suas netas, ajuda no desenvolvimento cognitivo, como, por exemplo, na aquisição de linguagem e na alfabetização.

Atualmente, temos também profissionais contadores de histórias que podem trabalhar em eventos ou feiras, voluntários que exercem essa atividade com as crianças, mas em maior quantidade temos educadores que fazem este papel em sala de aula. Todos contam histórias com a finalidade de alegrar e divertir as crianças, mas é também uma estratégia usada para estimular a atenção, a imaginação, o pensamento metafórico, a flexibilidade e fluência de pensamento na compreensão do mundo natural e moral (ROGOFF, 2005). Esta estratégia pedagógica para o desenvolvimento da imaginação será discutida nos próximos capítulos deste trabalho.

O próximo tópico irá explicitar um breve histórico da literatura infantil. Como se iniciou e como chegamos até a vasta literatura infantil de hoje; quais são os principais autores e suas obras; qual a relevância da leitura e contação de histórias para as crianças.

1.2A LITERATURA INFANTIL: a produção cultural

Se a arte de escrever já é, em si, complexa e difícil, torna-se mais engenhosa quando para crianças. Ao contrário do que pode parecer, escrever para crianças é bem mais difícil e delicado. As crianças são muito exigentes. É preciso ser ou tornar-se criança, para escrever e agradar a essas criaturinhas.

Bárbara Vasconcelos de Carvalho

1.2.1 Breve histórico

Analisando o conceito *literatura infantil*, teremos, respectivamente, um substantivo e um adjetivo, o qual *infantil* especifica a *literatura*. E a palavra *infantil* se refere às crianças. Sendo assim, é evidente que a literatura infantil só surge com a valorização e compreensão dessa fase de desenvolvimento humano: a infância.

Cambi (1999) afirma que na Antiguidade e na Grécia, a infância não era valorizada, sendo apenas uma idade de passagem, com o mínimo de investimento afetivo. A criança do sexo masculino era explorada e violentada de diversas maneiras e a partir dos sete anos eram inseridas em instituições públicas e sociais que lhe concediam uma identidade, lhe indicaram uma função e exerceram sobre ela também uma proteção.

Porém contraponto essa ideia de Cambi, temos a obra de Brueghel, de 1560, *Jogos Infantis*, que retrata 84 brincadeiras infantis. A partir desse quadro, podemos observar que as crianças são representadas aproveitando a infância, em momentos lúdicos, que além de divertir também ensinam.



Imagem 2: Jogos Infantis, Pieter Brueghel, 1560

Na Idade Média, a visão sobre a criança muda em poucos aspectos, neste período a infância é baseada no cristianismo, ou seja, é uma idade de pecado, mas também de inocência.

É apenas na Modernidade que a criança passa a ter outro papel na sociedade, Cambi (1999, p. 204) explica:

A família, objeto de uma retomada como núcleo de afetos e animada pelo “sentimento da infância”, que faz cada vez mais da criança o centro-motor da vida familiar, elabora um sistema de cuidados e de controles da mesma criança, que tendem a conformá-

la a um ideal, mas também a valorizá-la como mito, um mito de espontaneidade e de inocência, embora às vezes obscurecido por crueldade, agressividade, etc. (...) Desse modo cria um espaço social para a criança: na família; cria-se um modelo de formação: privatizado e familiar; cria-se um saber – psicológico, médico, pedagógico – na infância. (...) “Reconhece-se doravante” – observa ainda Ariès – “que a criança não está madura para a vida, que antes de deixá-la juntar-se aos adultos é necessário submetê-la a um regime especial, a uma espécie de quarentena”, na família, nos espaços controlados e em atividades planejadas.

Ainda sobre infância Zilberman (1987, p. 3 e 4) afirma:

Trata-se de uma emergência da família burguesa, a que se associam, em decorrência, a formulação do conceito atual de infância, modificando o status da criança na sociedade e no âmbito doméstico, e o estabelecimento de aparelhos ideológicos que visarão a preservar a unidade do lar e, especialmente, o lugar do jovem no meio social. As ascensões respectivas de uma instituição como a escola, de práticas políticas, como a obrigatoriedade do ensino e a filantropia, e de novos campos epistemológicos, como a pedagogia e a psicologia, não apenas estão inter-relacionadas, como são uma consequência do novo posto que a família, e respectivamente a criança, adquire na sociedade. É no interior desta moldura que eclode a literatura infantil.

Na experiência ocidental, a literatura infantil tem início com o autor Charles Perrault (1628-1703) que resolveu colocar no papel as histórias tradicionais contadas oralmente. Em 1697, publicou seu mais famoso livro: *Os contos da mamãe gansa*, no qual surgiam as primeiras versões escritas de Chapeuzinho Vermelho, A Bela Adormecida, O Gato de Botas, entre outros.

Segundo Cambi (1999, p. 314):

O conto de fadas nasce inicialmente na França como forma literária aristocrática e sofisticada, que quer construir no “feérico” uma literatura de evasão, para a qual colaboram Charles Perrault (1628- 1703) e outros contistas franceses (de Madame d’Aulnoy a Mademoiselle de Beaumont). O feérico é um espaço imaginário, caracterizado por potencialidades ignotas, povoado de poderes mágicos, onde se desenvolvem aventuras saturadas de metamorfoses, de lugares encantados, de destinos maravilhosos, mas também semeadas de ações cruéis, de crime, sangue e morte.

Sobre o Perrault, Cademartori (1994, p. 39) esclarece:

A vocação pedagógica de Perrault é secundária e confusa. Delineia-se com mais propriedade sua relação com o popular, apesar de esta ser, também, contraditória. Mesmo sem total adesão – o que, de fato, não poderia ocorrer, pois a classe a que Perrault pertencia vivia uma inconsciência em relação ao que era realmente popular – ele realizou o que se pode chamar de uma recuperação da cultura popular, procurando reconstituir os procedimentos narrativos da maneira mais fiel possível.

E continua:

Talvez nesse momento tenha sido inaugurada a confusão que fortaleceu os laços entre literatura popular e literatura infantil e que tem por base a aproximação de duas ignorâncias: a do povo, devido à condição social, e a da infância, devido à idade. Essa aproximação terá uma solução de continuidade, podendo ser encontrada na origem da coleta dos Grimm, permanecendo algumas sequelas até os nossos dias.

É importante refletirmos que as duas ignorâncias que a autora cita, em minha opinião, são, na verdade, duas sabedorias, tanto a do povo como a da infância, porque ambas possuem experiências muito ricas e que precisam ser levadas em consideração.

Após o francês Charles Perrault, aparecem no século XIX, os irmãos Grimm, com os contos *João e Maria* e *Rapunzel*. Com diversas narrativas surgem também: Christian Andersen, com *O patinho feio*, *Os trajes do imperador*; Collodi, *Pinóquio*; Lewis Carrol, *Alice nos país das maravilhas*; Frank Baum, *O mágico de Oz*; James Barrie, *Peter Pan*. (CADEMARTORI, 1994)

No âmbito nacional, a literatura infantil brasileira surge com o nosso conhecido escritor Monteiro Lobato (1882 – 1948).

Lobato é o maior clássico da Literatura Infantil Brasileira. Ele não escreveu apenas livros para crianças, mas criou um universo para elas. (...) A inspiração maior e básica de Lobato foi a própria criança, os motivos e os ingredientes de sua vivência: suas fantasias, suas aventuras, seus objetos de jogos e brinquedos, suas travessuras e tudo o que povoa a imaginação. (CARVALHO, 1987, p. 133)

Cademartori (1987, p. 139) expõe:

Monteiro Lobato figura não apenas como um marco na literatura infantil brasileira, mas como sua referência máxima. De tal forma que, tendo sido sua obra escrita entre 1921 e 1944, viveu-se, até há pouco tempo, à sombra de sua criação. O sucesso da obra de Monteiro Lobato motivou, nem sempre conscientemente, uma legião de imitadores, fenômeno comum perante uma fórmula consagrada que consegue sobreviver ao gosto de várias gerações.

A partir daí surgiram diversos autores, como, por exemplo: Joel Rufino dos Santos, com *Histórias de Troncoso*, Chico Buarque de Holanda, com *Chapeuzinho Amarelo*, Ana Maria Machado, *História meio ao contrário*. E Ruth Rocha, que tem papel destacado em seu site¹:

A literatura infantil no Brasil nunca mais foi a mesma. Ruth Rocha entrou para um universo que ajudou a revolucionar, elevou a qualidade dos livros publicados e ensinou o mercado a tratar com respeito seus pequenos leitores. Em um tempo em que criança mal tinha direito de dirigir a palavra a um adulto mostrou o quanto elas são dotadas de inteligência e senso crítico.

Entre suas obras mais apreciadas estão *Marcelo, Marmelo, Martelo*; *O reizinho mandão*; *A menina que aprendeu a voar*; *Dois idiotas sentados cada qual no seu barril*; *O rei que não sabia de nada*; *Uma história de rabos presos*.

Para esta pesquisa escolhi alguns livros infantis e propus momentos de reconto oral, dramatização e desenho sobre a história, como estratégia pedagógica para o desenvolvimento da imaginação. No próximo tópico explicarei porque estas práticas de leitura e contação de história são importantes para as crianças e, em seguida, os pressupostos de Vigotski sobre a imaginação.

1.2.2 Contação de história e leitura

¹ <http://www.ruthrocha.com.br/biografia>, acessado em 21 de novembro de 2015.

Sabemos que ler para uma criança é muito importante, tanto em aspectos pedagógicos, por exemplo, para um processo de alfabetização efetivo, como em aspectos psicológicos, desenvolvimento moral, e também em âmbito afetivo, para aproximação emocional entre a criança e o leitor.

Cademartori (1994) diz que o papel da literatura nos primeiros anos é fundamental para que se processe uma relação ativa entre o falante e a língua. Isso se deve a vários fatores, a começar pelo próprio sistema alfabético, porque os alfabetos do mundo ocidental separam o sonoro e o visual do significado e a expressividade. Já a leitura e a contação de histórias consegue unir esses aspectos para que a criança consiga compreender melhor o som e a símbolo e assim aperfeiçoar seu o processo de alfabetização. E diz ainda (p. 81):

A literatura infantil, assim como manifestações da cultura popular e agráfica, prestam-se a que, na alfabetização, a criança dê continuidade a experiências expressivas já adquiridas e lhe seja assegurada uma relação ativa com sua língua pelo conhecimento das potencialidades expressivas do código.

Bettelheim (2007) acredita que os contos de fadas tem um valor ímpar quando a criança elabora o seu conteúdo inconsciente por meio de fantasias inconscientes e assim dá capacidade para lidar com esse conteúdo. E ainda explicita (p. 14):

(Os contos de fadas) oferecem novas dimensões à imaginação da criança que ela seria incapaz de descobrir por si só de modo tão verdadeiro. Mais importante ainda: sua forma e estrutura sugerem à criança imagens com as quais ela pode estruturar seus devaneios e com eles dar melhor direção à sua vida.

O autor ainda acrescenta que os contos de fadas “direcionam a criança para a descoberta de sua identidade e vocação, e também sugerem as experiências que são necessárias para desenvolver ainda mais o seu caráter.” (BETTELHEIM, 2007, p. 34)

Carvalho (1987) acredita que a literatura é a forma de recreação mais importante na vida das crianças, porque manipula a linguagem verbal, proporciona crescimento psicológico, intelectual e espiritual; porque é rica em motivações, sugestões e recursos.

E é na infância que se adquire o hábito de ler; é na criança que estão todas as potencialidades e disponibilidades para o prazer da leitura. (...) A educação não atingiria sua consciência humanística e a aprendizagem não atingiria sua plenitude, sem o imprescindível hábito da leitura que, oportuna e bem orientada, responde às necessidades, às indagações e questionamentos do pequeno leitor. Os livros ajudam as crianças e os jovens a crescer, a encontrar caminhos e soluções para suas proposições, suas inquietações, seus problemas de ordem intelectual, psicológica, ética, moral e social. (CARVALHO, 1987, p, 194)

Abramovich (1997) acrescenta ainda que ler histórias para crianças é compartilhar momentos de alegria, gargalhar com as situações vividas pelos personagens, é poder sentir emoções importantes, como a tristeza, a raiva, o pavor, o bem estar, a tranquilidade. Podem também descobrir outros lugares, outros tempos, entender sobre História, Filosofia, Política, Sociologia sem precisar saber esses nomes.

Relacionando a contação de história e a imaginação, que é um dos objetivos específicos deste trabalho, a autora afirma que ler para uma criança:

É também suscitar o imaginário, é ter a curiosidade respondida em relação a tantas perguntas, é encontrar outras ideias para solucionar questões (como os personagens fizeram...). É uma possibilidade de descobrir o mundo imenso dos conflitos, dos impasses, das soluções, que todos vivemos e atravessamos (...) através dos problemas que vão sendo defrontados, enfrentados (ou não), resolvidos (ou não) pelas personagens de cada história (...) e, assim, esclarecer melhor as próprias dificuldades ou encontrar um caminho para a resolução delas.

A leitura e a contação de histórias ajuda em diversos aspectos na infância, tanto psicológicos, como pedagógicos e afetivos, como já dito anteriormente. Pensando no aspecto pedagógico é que propus estas práticas narrativas de leitura e contação de história como estratégias para identificar os

processos imaginativos nas crianças. Mas primeiramente precisei entender um pouco mais sobre imaginação, que é o tema do próximo tópico.

1.3 Imaginação: processo psicológico

A imaginação não é um divertimento ocioso da mente, uma atividade suspensa no ar, mas uma função vital necessária.

Lev S. Vigotski

Imaginação sempre foi algo muito abstrato para mim, sendo assim resolvi iniciar minha pesquisa pela busca do significado literal da palavra no dicionário Houaiss (2009):

1.1 faculdade que possui o espírito de representar imagens 1.1 capacidade de evocar imagens de objetos anteriormente percebidos 1.2 capacidade de formar imagens originais 2 faculdade de criar a partir de combinações de ideias; criatividade 3 criação artística, literária 4 obra criada pela fantasia de criar ou fabular

É uma palavra derivada do Latim, *Imaginatio*, que significa imagem, representação, visão, pensamento, ideia, ilusão.

Pude, então, relacionar seus significados com algumas explicações de Vigotski (2009), que diz que todos os objetos da vida cotidiana, sem excluir os mais simples e comuns, são imaginação cristalizada, ou em outras palavras, imaginação materializada, exteriorizada. Ele quer dizer que tudo que criamos é fruto da nossa imaginação, porque em algum momento juntamos experiências antigas e transformamos em novos objetos, e isto é a base da criação.

Vigotski (2009) acredita ainda que toda obra da imaginação constrói-se sempre de elementos tomados da realidade e presentes na experiência anterior da pessoa. Acrescenta ainda que:

A análise científica das construções mais fantasiosas e distantes da realidade, por exemplo, dos contos, mitos, lendas, sonhos etc., convence-nos de que as criações mais fantásticas nada mais são do

que uma nova combinação de elementos que, em última instância, foram hauridos da realidade e submetidos à modificação ou reelaboração da nossa imaginação.

Por consequência, a imaginação depende diretamente da abundância e da pluralidade das experiências vividas anteriormente pela pessoa, porque são estas vivências que constituem o material com que se criam e constroem a fantasia, segundo Vigotski.

Pensando nisso, conseguimos enxergar a possível relação da literatura infantil e da contação de história com a ampliação da imaginação da criança, porque a partir das práticas de leitura e contação de história as crianças terão oportunidade de vivenciar experiências que talvez sozinhas não conseguiriam e assim terão cada vez mais experiências que auxiliam na construção das fantasias. Completa Vigotski (2009, p. 23):

Quanto mais a criança viu, ouviu, e vivenciou, mais ela sabe e assimilou; quanto maior a quantidade de elementos da realidade de que ela se dispõe em sua experiência, mais significativa e produtiva será a atividade de sua imaginação.

As estratégias pedagógicas utilizadas, como o reconto oral, a dramatização e os desenhos das histórias, foram propostas pensando exatamente em tornar mais significativa e produtiva os processos imaginativos.

Por outro lado, a realidade também precisa da imaginação, porque podemos imaginar diversos lugares ou acontecimentos, apenas com relatos de outras pessoas. Como acontece nas contações de história, as crianças conseguem imaginar as personagens, o ambiente, os acontecimentos, apenas com o que estão escutando. Vigotski (2009, p. 25) explica:

Nesse sentido, a imaginação adquire uma função muito importante no comportamento e no desenvolvimento humano. Ela se transforma em meio de ampliação da experiência de um indivíduo porque, tendo por base a narração ou a descrição de outrem, ele pode imaginar o que não viu, o que não vivenciou diretamente em sua experiência pessoal. A pessoa não se restringe ao círculo e a limites estreitos de sua própria experiência, mas pode aventurar-se

para além deles, assimilando, com a ajuda da imaginação, a experiência histórica ou social alheias.

A importância da imaginação para o desenvolvimento psicológico e emocional das crianças é notório, porque é com a imaginação que a criança irá compreender melhor tanto os acontecimentos, ou seja, os aspectos do mundo exterior, como as vivências e emoções, que são aspectos do seu mundo interior.

Refletindo sobre como a literatura infantil contribui com a ampliação da imaginação e que por meio de histórias consegue transmitir as experiências e emoções que talvez a criança sozinha não consiga vivenciar; resolvi pesquisar e tentar colocar em prática na rotina de sala de aula a relação entre a leitura e contação de história, que é ao mesmo tempo estratégia pedagógica e instrumento desta pesquisa, para o desenvolvimento da imaginação, e é isto que relato nos próximos capítulos.

OBJETIVOS

Objetivo geral

Compreender o valor das práticas de leitura e contação de histórias como estratégias pedagógicas para o desenvolvimento da imaginação.

Objetivos específicos

1. Entender a relação entre a literatura infantil e a imaginação;
2. Identificar processos imaginativos das crianças em práticas de reconto oral de histórias, dramatização e desenhos;
3. Construir, em conjunto com as crianças, hábitos de cuidados e utilização do Cantinho da Leitura, espaço destinado à leitura.

CAPÍTULO II

METODOLOGIA

Este capítulo tratará de toda a trajetória percorrida durante o trabalho de pesquisa, como, o método utilizado, a caracterização da escola e da turma, a descrição do projeto *Contação de História e Cantinho da Leitura* e o planejamento de cada intervenção.

Está dividido em quatro tópicos: Pesquisa-ação; A escola; A turma; Contação de história e Cantinho da Leitura.

2.1 PESQUISA-AÇÃO

Para melhor desenvolver este trabalho, escolhi o método de pesquisa-ação, o qual é um tipo de pesquisa participante. Ou seja, o pesquisador não só observa os fatos, mas interage com estes. Segundo Thiollent (1985, p. 14):

(A pesquisa-ação) é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos do modo cooperativo ou participativo.

A pesquisa-ação possui algumas características, principalmente, quando o foco é educacional. Krapp (1982, p. 61), citado por Engel (2000, p.184), afirma que o processo de pesquisa deve tornar-se um processo de aprendizagem para todos os participantes e a separação entre sujeito e objeto de pesquisa deve ser superada. Ketele e Roegiers (1993, p. 100) citados por Engel (2000, p. 184) acrescentam ainda que:

No ensino, a pesquisa-ação tem por objeto de pesquisa as ações humanas em situações que são percebidas pelo professor como sendo inaceitáveis sob certos aspectos, que são suscetíveis de mudança e que, portanto, exigem uma resposta prática. Já a situação problemática é interpretada a partir do ponto de vista das pessoas

envolvidas, baseando-se, portanto, sobre as representações que os diversos atores (professores, alunos, diretores etc.) têm da situação.

Esta pesquisa também pode ser definida como ação-pesquisa, já que segundo Barbier (2004) são pesquisas utilizadas e concebidas como meio de favorecer mudanças intencionais decididas pelo pesquisador, cujos fins ele define como a estratégia. E diz ainda que a ação parece prioritária nesse tipo de pesquisa, mas as consequências da ação permitem aos pesquisadores explorá-las com fins de pesquisa acadêmica.

Com este embasamento teórico-metodológico segui a minha pesquisa por meio de observações e práticas na sala de aula, as quais eu relato no Capítulo III: Análise e Discussão, alguns episódios mais marcantes e interessantes para os objetivos do trabalho.

Na experiência desse exercício de pesquisa, iniciei observando a turma, para que pudesse conhecer as crianças, a rotina, a professora, os demais espaços e os colaboradores da escola. Como meu interesse estava relacionado a compreender o valor das práticas de leitura e contação de história como estratégias pedagógicas pra o desenvolvimento da imaginação, após as práticas de leitura propus reconto oral, dramatização e desenhos das histórias.

Nesse período de observação pude notar que o espaço destinado à leitura na sala de aula, com livros sempre disponíveis as crianças, que aqui chamo de “Cantinho da Leitura”, não estava despertando interesse nas crianças, então, resolvi reconstruí-lo com a turma.

2.2 A ESCOLA

A escola infantil é resultado de um convênio entre a instituição mantenedora e o Governo do Distrito Federal, por meio da Secretaria de Estado de Educação.

A escola funciona em tempo integral e atende crianças de dois até seis anos de idade. As vagas são ocupadas por crianças que se encaixam em um destes critérios: baixa renda, medida protetora, risco nutricional, mãe trabalhadora ou crianças oriundas do Serviço de Acolhimento da instituição mantenedora ou de outras unidades de Acolhimento.

O Serviço de Acolhimento tem por finalidade acolher crianças órfãs e abandonadas, desde dois anos de idade até vinte e um anos, se for necessário; proporcionando-lhes orientação educacional, profissional, moral e cívica.

Segundo o Projeto Político Pedagógico, a escola possui:

01 Hall de entrada; 01 sala de Direção Pedagógica; 01 sala de Secretaria Escolar; 01 sala de professores; 01 refeitório; 03 banheiros para funcionários, sendo 01 adaptado às pessoas com necessidades especiais; 07 salas de atividades; 06 banheiros adaptados ao porte das crianças; 01 parque infantil em área descoberta; 01 pátio coberto; 01 quadra poliesportiva descoberta; 01 cozinha de apoio; 01 depósito para materiais didático-pedagógicos; 01 área de serviço; 01 cozinha industrial (área comum a toda instituição); 01 despensa (área comum a toda instituição); 01 almoxarifado (área comum a toda instituição); 01 lavanderia (área comum a toda instituição); 01 biblioteca (área comum a toda instituição); 01 sala de TV/ vídeo (área comum a toda instituição).

Realmente a estrutura física da escola, citada no PPP, é muito boa, possui um amplo pátio e parquinho, mas a sala dos professores é bem pequena e pouco utilizada, já a biblioteca e a quadra de esportes estão em desuso.

A escola segue os pressupostos de Célestin Freinet, inclusive, quinzenalmente as professoras recebem formação para aperfeiçoar essa prática pedagógica de Freinet. Segundo o Projeto Político Pedagógico (2015, p. 11) da escola:

As ações pedagógicas estão amparadas nas técnicas idealizadas pelo francês Célestin Freinet, que nessa perspectiva, se desenvolvem a partir de situações concretas, considerando a história de cada um em particular e sua cultura de vida social como contextos de apropriação de informações que qualificam os processos de conhecimento formal na instituição. Tais práticas ocorrem em conformidade com o que acreditava Freinet, pois a inteligência, a

acuidade científica, a vocação artística e tantas outras qualidades não devem ser apenas cultivadas através das ideias, mas também pela criação livre, pelo trabalho com as mãos e pela pesquisa experimental, enfatizando a afetividade nas relações com os pares e na sociedade.

Em relação às atividades de vida diária, as crianças são trabalhadas para a autonomia diariamente em pequenas ações, como, por exemplo, se servirem sozinhas e, com uma pequena orientação da professora, tomam banho e escovam os dentes.

Nas atividades da sala de aula, as crianças podem escolher entre os centros de interesses: “Faz de conta”, que possui móveis para imitar uma casa; “Brincar e construir”, onde acontecem as atividades de conhecimentos mais sistematizados; “Criarte”, atividades de desenho, pintura, etc; “Era uma vez”, espaço com livros, fantoches e fantasias. Este último centro de interesse é o espaço que percebi durante a observação que não estava despertando interesse nas crianças e, então, resolvi reconstruí-lo e passou a ser chamado de “Cantinho da Leitura”.

2.3. A TURMA

O trabalho foi realizado em uma turma de Educação Infantil, com vinte e duas crianças, nove meninos e treze meninas, entre os quatro e cinco anos de idade. Destas três são do Serviço de Acolhimento.

Ao longo da pesquisa pude perceber a carência afetiva das crianças e as difíceis condições de vida de cada uma delas, porque elas relataram várias vivências sobre seus lares. Apesar disso, as crianças eram muito espertas, alegres e demonstravam interesse por tudo que era proposto em sala de aula.

A professora regente da turma ficou quatro meses afastada de licença maternidade e nesse período houve muitas trocas de professoras ou monitoras. E a escola também passou por mudanças de coordenação. Estes acontecimentos afetaram alguns combinados da turma e, por consequência, as atividades pedagógicas. Mas durante a pesquisa percebi que a professora

conseguiu colocar em prática outros combinados, como, por exemplo, formou duplas responsáveis pela organização de cada espaço da sala.

Em todas as intervenções literárias que propus, a turma se manteve interessada em ouvir as histórias e em participar da atividade proposta em seguida. Também se demonstraram motivadas a reconstruírem coletivamente o “Cantinho da Leitura”.

2.4 CONTAÇÃO DE HISTÓRIA E O CANTINHO DA LEITURA

A questão da leitura sempre me causou inquietação, porque a maioria das pessoas que eu conheço não gosta de ler, enquanto este é meu passatempo favorito. A leitura me proporciona momentos de viagem e imaginação, para que eu possa fugir da realidade.

Logo no início da Faculdade pude ler sobre a importância da leitura, como motivar as crianças a lerem e as consequências disto para a vida adulta. Sendo assim pensei em pesquisa que pudesse tornar a leitura algo muito mais prazeroso para as crianças e que também motivasse a imaginação.

A princípio trabalharia apenas com a contação de história com apoio ou não do livro e com atividades de reconto oral, dramatização e desenhos das histórias para identificar os processos imaginativos das crianças nestes momentos. Mas depois das observações pude notar que o centro de interesse *Era uma vez*, espaço destinado à leitura, não estava despertando interesse nas crianças, talvez porque havia poucos livros disponíveis ou porque poucos eram os momentos destinados à leitura.

Sendo assim, resolvi reconstruir junto com a turma e chamá-lo de *Cantinho da Leitura*, primeiramente definindo o que teríamos neste espaço, em seguida montamos juntos e combinamos quais os cuidados e combinados para este local.

2.5 PLANEJAMENTO

O projeto aconteceu entre os meses de agosto e novembro de 2015, com encontros duas vezes na semana, com um período inicial de observação e participação das atividades propostas pela professora e outro de prática, construção e consolidação do projeto. O planejamento exposto a seguir evidencia as três mais importantes atividades desenvolvidas com a turma que foram utilizadas como estratégias pedagógicas e também como instrumentos de pesquisa deste trabalho.

2.5.1 Um dia na vida de Amos McGee – Philip C. Stead

Breve resumo: Amos McGee é um senhor que trabalha no zoológico e todos os dias visita seus amigos: o elefante, o rinoceronte, a tartaruga, o pinguim e a coruja. Um dia fica doente e não vai ao trabalho, seus amigos sentem falta e vão até a casa de Amos McGee para visitá-lo.

Objetivos: Ler *Um dia na vida de Amos McGee*; Deixar que as crianças recontem a partir das imagens; Conversar sobre “O que eu quero no Cantinho da Leitura”.

Estratégia: Reconto a partir das imagens do livro.

2.5.2 Chapeuzinho Vermelho – Charles Perrault

Breve resumo: A mãe de Chapeuzinho Vermelho pede que vá até a casa da vovó entregar uma cesta de doces, mas no caminho Chapeuzinho é surpreendida pelo lobo mau.

Objetivos: Contar com apoio de dedoches a história da *Chapeuzinho Vermelho*; Dramatização da história; Combinados do “Cantinho da Leitura”.

Estratégia: Dramatização.

2.5.3 Depois do foram felizes para sempre – Ilan Brenman

Breve resumo: Possíveis continuações dos contos de fadas.

Objetivos: Ler *Depois do foram felizes para sempre*; Desenho dos finais ou continuações das histórias;

Estratégia: Imaginar e desenhar outros finais ou continuações das histórias favoritas de cada um.

Escolhi o livro *Um dia na vida de Amos McGee* porque a história é simples e as ilustrações são bem marcantes, acreditei que as crianças teriam facilidade em recontar a história. Já *Chapeuzinho Vermelho*, porque é um conto de fadas conhecido por todas as crianças, então, sabia que elas me ajudariam a contar a história e também iriam querer participar da dramatização. E *Depois do foram felizes para sempre*, usei especificamente para ilustrar que os contos de fadas podem ter uma continuação, já que o objetivo desta intervenção é desenhar um final diferente das histórias ou a continuação delas.

Estas intervenções são os instrumentos de pesquisa deste trabalho, e também fazem parte de um dos objetivos específicos, em que quero identificar os processos imaginativos das crianças em práticas de reconto oral, dramatização e desenhos.

2.6 REGISTROS

Os registros da pesquisa foram feitos em um diário de bordo, o qual eu relatei as experiências diárias, os encantamentos, as frustrações, as indagações e dúvidas. Como instrumento de pesquisa eu utilizei os desenhos das crianças e fotos do Cantinho da Leitura, para melhor representar os relatos.

CAPÍTULO III

ANÁLISE E DISCUSSÃO

Neste capítulo irei analisar e discutir sobre os quatro episódios mais marcantes que ocorreram ao longo das vivências da pesquisa. Os episódios são: *Passeando pela floresta*; *José e o Restaurante*; *Chapeuzinho Vermelho*; *Depois dos felizes para sempre*; *O Cantinho da Leitura*.

Escolhi estes quatro episódios porque foram muito significativos durante o período da pesquisa e conseguiram corresponder aos objetivos planejados e específicos deste trabalho.

3.1 PASSEANDO PELA FLORESTA

Em um dos momentos de observação, pude presenciar uma atividade pedagógica que a turma chama de “Passeando pela floresta”. Após o lanche, todas as crianças estavam sentadas na rodinha, como forma de acalmar e chamar a atenção das crianças para o momento da rodinha. A professora os convidou para passear na floresta. Eu achei que poderia ser uma história ou uma música, mas, na verdade todas as crianças participaram deste passeio imaginário, segue relato:

Após convidar as crianças para um passeio na floresta de olhos fechados, a professora diz:

- Nossa! O que é isso? Vocês estão vendo?

As crianças diziam ser uma árvore, então, faziam gestos como estivessem subindo na árvore e pegavam o coco para beber (as crianças faziam todos os gestos: subir e descer da árvore, abrir o coco, beber a água de coco e o barulho ao engolir). Depois a professora os convidava para seguir a viagem. (Elas batem o pé no tapete para imitar o barulho da caminhada) Ela diz:

- Um rio! Vamos tirar os uniformes, vestir maio e sunga para entrar!

(As crianças fingem tirar os uniformes e vestir as roupas de banho) Quando uma criança grita:

- Ahhhh, é um jacaré!!!!

(As crianças gritam também e se movimentam rapidamente para fingir que estão saindo do rio.)

A professora, então, diz:

- Olhem só: uma caverna! Vamos entrar... Não consigo ver nada! Mas o que é isso? (estende a mão como se estivesse pegando em algo) É fofo! É alto! É grande! O que será?

Juntas as crianças gritam:

- Um ursooooo!

- Será? Alguém tem um fósforo para vermos o que é?

(Fingem acender um fósforo)

- Ai meu Deus! É um urso! Apaga, apaga! Vamos correr!!

(As crianças batem os pés com força no tapete e gritam)

A professora diz:

- Pronto! Estamos salvos! Agora vamos devagar voltar para a escola... Vamos sair da floresta, atravessar a faixa de pedestre, entrar pelo portão, passar pela escola, entrar na sala e abrir os olhos!

Este episódio foi o primeiro a me chamar atenção, porque consegui enxergar com mais clareza o processo de imaginação que as crianças vivenciavam. Perguntei para a professora se era uma história que ela havia ensinado para eles, mas ela disse: *Em uma das aulas sobre os animais, pensamos juntos quais moravam na floresta e a partir disso criamos essa brincadeira.*

Passeando pela floresta reafirma o que Vigotski (2009) acredita sobre a imaginação ter o poder de ampliar as experiências de um indivíduo, porque a

partir do que as crianças estavam aprendendo e das intervenções da professora, elas puderam imaginar o que não viram e o que não vivenciaram diretamente em suas experiências pessoais.

Sobre a criação coletiva dessa brincadeira, podemos entender melhor Vigotski (2009, p. 16) quando afirma que:

A criação é condição necessária da existência, e tudo que ultrapassa os limites da rotina, mesmo que contenha um iota² do novo, deve sua origem ao processo de criação do homem. (...) Já na primeira infância, identificamos nas crianças processos de criação que se expressam melhor em suas brincadeiras.

A criação de *Passeando pela floresta* demandou criatividade tanto das crianças como da professora, sobre isso Mitjans Martínez (2009) citada por Vieira (2015, p. 91) acrescenta:

podemos compreender a criatividade como um sistema complexo, centrado no desenvolvimento cultural da humanidade, que demandará as necessidades do que será ou não relevante ser criado. Nesta perspectiva, o desenvolvimento da criatividade elenca fatores individuais e sociais, que se desenvolvem em unidade no sujeito.

A partir deste episódio a imaginação ganhou espaço central no meu trabalho, já que pude notar melhor a presença e a importância da imaginação nos momentos de criação, brincadeiras e até de aquisição de conhecimento, porque provavelmente com *Passeando pela floresta* as crianças puderam assimilar melhor o ambiente onde vivem os animais.

3.2 JOSÉ E O RESTAURANTE

Nesta primeira intervenção li o livro *Um dia na vida de Amos McGee*, escrito por Philip C. Stead, que conta a história de um senhor que trabalha no

² Iota: quantidade muito pequena

zoológico e todos os dias visita seus amigos: o elefante, o rinoceronte, a tartaruga, o pinguim e a coruja. Um dia fica doente e não vai ao trabalho, seus amigos sentem falta e vão até a casa de Amos McGee para visitá-lo.

Li o livro na rodinha, as crianças estavam bem atentas e interessadas na história. E em alguns momentos interagem, acrescentando alguns detalhes que apareciam nas ilustrações, como, por exemplo, o ursinho de pelúcia e o pijama do Amos McGee.



Imagem 2: Um dia na vida de Amos McGee, Philip C. Stead, p.13

Ao finalizar a história, perguntei qual criança gostaria de recontar a história. Várias levantaram a mão e pediram para participar, escolhi uma, a qual chamarei pelo nome fictício de Laís, que imediatamente me perguntou:

- *Como é mesmo o nome dele?*

- *Amos McGee.*

Todas as crianças riram e várias falaram:

- *Que?*

- *Tia, não entendi...*

- *Repete, tia.*

Então, perguntei:

- *Podemos dar um nome mais fácil para este senhor? (apontando para a capa do livro)*

Uma das crianças disse:

- *José! Pode ser José?*

Perguntei para a turma se todos concordavam com este nome e a maioria consentiu com a cabeça.

Com o apoio das imagens e com lembranças da leitura, a Laís narrou a história. É evidente que alguns detalhes da história foram esquecidos, por não conter nas imagens, mas muitos detalhes foram acrescentados pelo motivo inverso; objetos que estavam nas imagens, mas não na escrita.

No momento em que aparece o rinoceronte, ela me questiona novamente:

- *Como é mesmo o nome desse, tia? (apontando para imagem)*

- *Rinoceronte!*

E ela repete:

- *Restaurante?*

Eu falo pausadamente:

- *Ri-no-ce-ron-te.*

Laís continua a história, mas sempre chamando o “rinoceronte” de “restaurante”, as crianças riam, mas entendiam a que Laís estava se referindo.

Neste episódio o que mais me chamou atenção foi o fato das crianças trocarem os nomes difíceis de pronunciar para os que achavam mais fáceis, como o nome do personagem *Amos Mcgee*, por *José*, e *rinoceronte* por

restaurante. Pude perceber que a criatividade não está somente em momentos lúdicos, mas também em relação aos usos da língua e a fala. Segundo Mitjans Martínez (1997) a criatividade pressupõe uma pessoa que, em determinadas condições e por intermédio de um processo, elabora um produto que é, pelo menos em alguma medida, novo e valioso.

O reconto oral causou muitas risadas por toda a sala, exatamente o que afirma a autora Abramovich (1997, p. 17):

Ler histórias para crianças, sempre, sempre... É poder sorrir, rir, gargalhar com as situações vividas pelas personagens, com a ideia do conto ou com o jeito de escrever dum autor e, então, poder ser um pouco cúmplice desse momento de humor, de brincadeira, de divertimento...

Eu ainda acrescentaria que ler para crianças é convidá-las para abrir as portas da imaginação e viajar pela história, porque como Vigotski (2009, p. 20) afirma a imaginação não é um divertimento ocioso da mente, mas sim uma função vital necessária.

O reconto é ainda mais interessante, porque cada criança irá recontar a história de um jeito particular e único. Segundo Mozzer (2012, p.267) citado por Vieira (2015, p. 92):

Podemos dizer que a leitura, que o conto, que o reconto e que a criação de histórias podem proporcionar aos alunos oportunidades para produzirem ideias, discutir e analisar criticamente um acontecimento, levantar questões sobre os acontecimentos das histórias, gerando múltiplas hipóteses e estimulando as crianças a explorar consequências futuras para esses acontecimentos.

Neste episódio podemos identificar um possível processo imaginativo no reconto oral da história e também entender melhor a relação entre a literatura infantil e a imaginação, já que a literatura auxilia na ampliação da imaginação da criança, porque por meio das histórias as crianças vivem juntas com as personagens, elas passam a gerar possibilidades, a organizar novas ideias e afetos, a criar novas palavras e novos mundos.

3.3 CHAPEUZINHO VERMELHO

Neste encontro, levei dedoches, que são fantoches para os dedos, e contei a história da *Chapeuzinho Vermelho*. Os contos de fadas são importantes para as crianças, segundo Bettelheim (2007, p. 12)

(...) porque a vida é com frequência desconcertante para a criança, ela necessita mais ainda que lhe seja dada a oportunidade de entender a si própria nesse mundo complexo com a qual deve aprender a lidar. Para que possa fazê-lo, precisa que a ajudem a dar um sentido coerente ao seu turbilhão de sentimentos. Necessita de ideias sobre como colocar ordem na sua casa interior, e como base nisso poder criar ordem na sua vida. Necessita de uma educação moral que, de modo sutil, a conduza às vantagens do comportamento moral, não por meio de conceitos éticos, abstratos, mas daquilo que lhe parece tangivelmente correto e, portanto, significativo.

Como essa história já é bem conhecida pelas crianças, elas puderam me ajudar em várias partes. Como, por exemplo, no momento que a Chapeuzinho caminha pela floresta e canta. Eles sabiam cantar a música inteira. Todos estavam bem atentos à história e quando terminei, até antes de explicar que iríamos fazer uma dramatização, eles já estavam dizendo:

- *Eu sou a Chapeuzinho!*

- *Eu sou a mãe!*

- *Eu quero ser o lobo!*

E, então, separei todas as crianças que queriam ser a mãe, a Chapeuzinho vermelho, o lobo, a vovó e o caçador. Definimos juntos os lugares da sala que representariam a casa da Chapeuzinho e a casa da vovó. Pegamos um pedaço de fita vermelha para representar a cesta de doces que a Chapeuzinho levava à vovó.

As crianças por já conhecerem a história, encenaram e narraram a história praticamente sozinhas, foi bastante divertido e interessante ver o envolvimento e a participação de todas as crianças.

Com a dramatização da *Chapeuzinho Vermelho* as crianças puderam recontar a história juntas, cada um interpretando seu personagem preferido, sobre isso Vieira (2015, p. 96) afirma:

A atividade realizada pelas crianças na leitura/escuta dos contos de fadas permite que as mesmas (re)criem situações imaginativas que as envolve com(o) os personagens das histórias, indicando a agência de um sujeito complexo (GONZÁLEZ REY, 2009) sujeito da unidade emoção-cognição-imaginação.

Sobre a brincadeira das crianças e a imaginação, Vigotski (2009, p. 17) comenta:

A brincadeira da criança não é uma simples recordação do que vivenciou, mas uma reelaboração criativa de impressões vivenciadas. É uma combinação dessas impressões e, baseada nelas, a construção de uma realidade nova que responde às aspirações e aos anseios da criança. Assim como na brincadeira, o ímpeto da criança para criar é a imaginação em atividade.

A dramatização é muito importante para o desenvolvimento social e emocional das crianças e permite que elas façam experiências sobre como diferentes tipos de pessoas da sociedade agem e se relacionam entre si. (CORSARO, 2009).

A cada episódio vivenciado, foi possível que eu identificasse cada vez com mais clareza os processos imaginativos nas crianças. Neste pude perceber a facilidade que elas têm em encenar as histórias, já que era um conto de fadas conhecido por todos e assim convence-nos de que as criações mais fantásticas nada mais são do que uma nova combinação de elementos que, em última instância, foram hauridos da realidade e submetidos à modificação ou reelaboração da nossa imaginação. (VIGOTSKI, 2009).

E durante esses encontros, como já dito anteriormente, surgiu a ideia de reconstruir o espaço do Cantinho da leitura com as crianças, para que elas pudessem ter momentos com os livros e histórias sempre que quisessem. Por isso, também se tornou um objetivo específico do trabalho, que eu explico no próximo tópico.

3.4 O CANTINHO DA LEITURA

Na sala de aula em que fiz as observações e intervenções, havia um centro de interesse “Era uma vez”, onde teoricamente deveria haver livros, fantoches, fantasias e ser um espaço completamente vinculado à leitura. Porém não era isso que acontecia e como este espaço tinha relação com as minhas práticas de contação de história, resolvi tentar reconstruí-lo e até resignificá-lo com as crianças.

No primeiro dia, quando li a história *Um dia na vida de Amos McGee*, perguntei para as crianças o que elas gostariam que tivesse no que eu chamei de Cantinho da Leitura, no caso, o centro de interesse “Era uma vez”. Elas não sabiam o que me responder, então, instiguei-as se seria legal que tivessem mais livros, todas concordaram. Perguntei se gostariam de almofadas para ficarem mais confortáveis ao lerem uma história, as crianças acharam muito boa a ideia. Propus, então, que colocássemos uma cortina para separar o Cantinho de Leitura de outros ambientes da sala, elas também concordaram.

No encontro seguinte, levei a cortina, as almofadas e um ursinho de pelúcia. Segue relato do diário de bordo:

Hoje eu levei as almofadas e a cortina. Enquanto eles estavam fazendo uma atividade do lado de fora da sala, eu arrumei o Cantinho da Leitura. Quando eles voltaram para a sala, o encantamento foi notável. A maioria das crianças disse que a cortina era linda, me perguntaram onde comprei e eu expliquei que fui eu mesma que fiz só para eles, com muito carinho e dedicação, por isso ela teria ficado tão bonita.

Sentamos na rodinha para fazermos os combinados sobre o Cantinho da Leitura. Então, eu perguntei:

- Para que serve as almofadas que estão dentro do Cantinho da leitura?*
- Para a gente deitar!*
- Para gente sentar, né, tia?*
- Para usar na hora de dormir.*

- Não, né? As almofadas são do Cantinho da Leitura.

- Isso mesmo! As almofadas são para serem usadas só no Cantinho da Leitura. Podemos tirá-las de lá?

- Não! (Várias crianças responderam juntas)

- Ótimo! E a cortina? A gente pode puxar? Rasgar? Arrancar?

- Não! (Várias crianças responderam juntas novamente)

- Certo! Agora tenho um amigo para apresentar a vocês. Este aqui (um ursinho de pelúcia) é o Floquinho. Ele é meu amigo há muitos anos, me acompanhou em todas as escolas que eu já visitei e ele sempre me conta o que acontece na sala quando eu não estou.

Várias crianças falaram ao mesmo tempo:

- Sério, tia?

- Ele fala com você?

- Ele fala de verdade?

Eu respondi:

- Sim, ele conversa comigo! Ele me conta tudo que acontece, de noite ele vai lá na minha casa e me conta...

- Posso falar com ele?

- Vou passar para vocês se apresentarem para ele e aí se ele não tiver muito tímido, talvez ele fale com vocês.

O Floquinho passou de mão em mão, grande parte das crianças diziam que ele não estava falado com elas, mas três crianças afirmaram que ele se apresentou para elas também.

Colocamos o Floquinho na janela, para que pudesse enxergar o Cantinho da Leitura e todo o resto da sala.

As crianças estavam muito encantadas com o Cantinho da Leitura, haviam elogiado a cortina e as almofadas, combinei com elas que a cada livro que eu lesse, deixaria na sala para que elas pudessem reler quando quisessem.

No dia seguinte, cheguei na escola muito contente, estava levando o livro *Depois do foram felizes para sempre*. Quando cheguei na sala, a cortina estava no chão rasgada, as almofadas jogadas pela sala, o *Cantinho da Leitura* estava destruído. Visivelmente fiquei em choque, decepcionada e abalada com o ocorrido, segue relato:

A professora foi até a porta e me disse que a professora da tarde havia me deixado uma carta e pediu para que eu lesse com a turma. Eu entrei, mas ainda em choque, inicialmente sem saber o que fazer.

Pedi para as crianças sentarem na rodinha e falei:

- Gente, primeiro eu vou ler a carta que a professora da tarde escreveu, para entender melhor o que está acontecendo. – As crianças estavam quietas, com certeza notaram minha expressão de frustração.

Li a carta que explicava que em um piscar de olhos as crianças (ela citou o nome de cada uma delas) haviam destruído a cortina e que ela não arrumou para que eu pudesse ver com meus próprios olhos. E ainda que elas haviam feito guerra de travesseiro com as almofadas.

As crianças continuaram quietas, então, eu expliquei:

- A cortina não tem valor financeiro, ou seja, de dinheiro para mim. Ela tem um valor afetivo, quer dizer que eu a fiz com muito carinho. Ontem quando me perguntaram e disseram que a cortina estava linda, eu expliquei que eu mesma tinha feito só para vocês. Queria que entendessem que coloquei muito carinho e atenção para que vocês gostassem bem muito dessa cortina e do Cantinho da leitura, mas hoje estou muito triste de ver o que aconteceu...

- Tia, você vai brigar com a gente?

- Não, eu não vou brigar com vocês. Mas eu estou muito muito muito triste, porque a gente tinha combinado ontem de cuidar do Cantinho da leitura, mas olha só o que aconteceu... E agora? Alguém tem alguma sugestão?

- Dá para arrumar, tia?

- Acho que só dá para arrumar se todos ajudarem com os pedaços da cortina... Vocês querem tentar?

- Sim! (Várias crianças responderam juntas)

Então, enquanto eles estavam juntando os pedaços da cortina no chão, eu emendei um pedaço de barbante no outro para prender a cortina novamente. Conseguimos amarrar os pedaços da cortina e reconstruí-la juntos. Conversamos novamente sobre os combinados do Cantinho da leitura.

Eu realmente não estava esperando por este acontecimento, então, fiquei muito frustrada, decepcionada e triste. Mas acredito que foi exatamente esta reação clara de desapontamento que fez com que as crianças entendessem o valor do Cantinho de Leitura e dos objetos que o compõe.

Segundo Silva (2012, p. 45) citado por Vieira (2015, p. 101):

De fato, a posição que o adulto ocupa diante das produções infantis, em especial nas atividades guiadas pela imaginação (desenhos, narrativas, brincadeiras etc.), além de consolidar uma visão sobre o espaço pedagógico, também reflete a forma como as próprias crianças significam suas ações.

Amaral e Mitjans Martínez (2009, p. 158) explicam:

O grau de autonomia, a capacidade para lidar com a frustração inerente ao erro, a confiança em si mesmo, a liberdade para criar e libertar-se do modelo do outro, o reconhecimento do próprio saber etc. representam traços que conformam uma maneira pessoal que cada sujeito desenvolve para aprender. Por isso, o processo de aprendizagem é único para cada sujeito que o vivencia. As informações são transmitidas igualmente para todos, mas a significação que assumem e os sentidos que eliciam são diferentes para cada um.

Depois desse acontecimento as crianças cuidaram do Cantinho da Leitura, não derrubaram e nem puxaram mais a cortina, quando vou visitá-las elas sempre querem me mostrar como estão cuidando do Cantinho da Leitura.

González Rey (1999, p.111) explica:

O caráter que uma influência possuirá para o desenvolvimento humano dependerá muito de seu sentido subjetivo, o qual não está contido na influência em si mesma, como seu atributo universal, mas aparece como resultado da complexa interação entre uma experiência concreta do sujeito e os recursos subjetivos que dispõe no momento de experimentá-la.

Acredito que esta vivência conseguiu ir muito além do planejado, existem muitas possibilidades para as crianças terem passado a cuidar do *Cantinho da Leitura*, talvez porque sentiram que eu fiquei realmente decepcionada e, como criaram um vínculo afetivo comigo, não querem me ver neste estado novamente. Ou talvez porque entenderam que as coisas podem ser consertadas mesmo depois de terem sido quebradas ou algum mal feito.

Sobre a questão dos espaços na Educação Infantil, Fortunati (2009, p. 66), afirma:

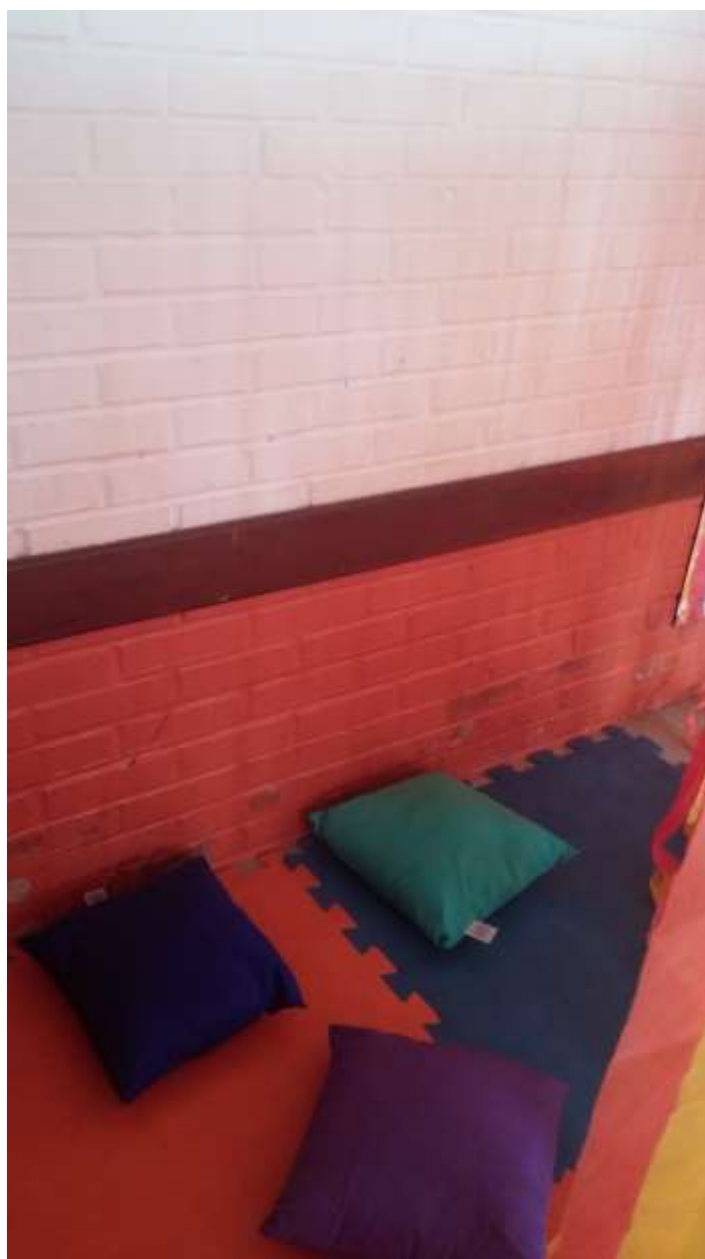
Um bom espaço não só é capaz de abrigar a necessidade de intimidade e de relações diferenciadas e de dizer qual imagem de criança requereu sua organização como também de certificar a presença das múltiplas individualidades que é necessário respeitar, de contar as histórias de afetos e da construção de mundos e de guardar em seu seio a memória para imaginar o futuro.

O *Cantinho da Leitura* é um espaço para leitura, para troca de experiências literárias, para imaginar, viajar, se divertir pelas histórias e livros que estão neste espaço. E para além da leitura, nesta experiência as crianças conseguiram aprender o valor que os objetos e as pessoas têm, que é importante cuidar de coisas que tenham valor tanto sentimental como financeiro.

Isso me fez pensar nos brinquedos e livros, que nas observações pude notar que os que estavam estragados eram simplesmente descartados, ao invés de tentarem consertar, ou seja, reafirmando a cultura de consumo contemporânea. Possivelmente isso os influenciou a achar que poderiam destruir o *Cantinho da Leitura* achando que eu iria simplesmente substituí-lo

por um novo. Mas perceberam que não, que tinha um valor afetivo para mim e aprenderam a dar esse valor também.

Não sei se está relacionado a isso, mas nos encontros seguintes, até os brinquedos estavam mais bem cuidados e organizados na sala. Mas isto e outros assuntos da Educação Infantil, aqui tratados brevemente, precisariam ser melhor investigados em outro projeto de pesquisa, já que não são objetivos específicos deste trabalho.



Imagens 3 e 4: Cantinho da Leitura

3.5 DEPOIS DOS FELIZES PARA SEMPRE

Li o livro *Depois do felizes para sempre*, que conta as possíveis continuações dos contos de fadas mais conhecidos. Esta intervenção aconteceu no mesmo dia da destruição do *Cantinho da Leitura* e por mais que as crianças estivessem atentas, não senti que elas estavam realmente envolvidas na história. Mas ainda assim resolvi manter o planejado para não parecer que não iria contar uma história como castigo pela destruição do *Cantinho da Leitura*, então, conversei com elas sobre o acontecido, reafirmamos os combinados e segui com a contação de história de forma natural.

Como atividade após a leitura eu propus que cada uma pensasse no que poderia ter acontecido com os personagens de suas histórias favoritas. Perguntei para uma das crianças:

- *Qual sua história favorita?*
- *A Pequena Sereia!*
- *E o que você acha que aconteceu depois que a Pequena Sereia se casou com o príncipe?*
- *Acho que... ela se encontrou com as amigas.*
- *Legal! Você quer desenhar isso?*

- Sim! – entreguei uma folha em branco e ela desenhou a Pequena Sereia com suas amigas.

Perguntei para outra criança:

- E qual é a sua?

- Os três porquinhos.

- E o que você acha que aconteceu com eles depois da história?

- O lobo assoprou, assoprou e depois caiu de bunda no caldeirão.

- Isso, esse é o final da história. Mas o que você acha que os três porquinhos fizeram depois que o lobo foi embora?

- Acho que eles foram trabalhar...

- Ótimo, você quer desenhar isso?

- Sim. – Ele também desenhou o final.

Poucas crianças se envolveram de verdade com a atividade, a maioria estava dispersa. Mas esses momentos de prática de contação de história são importantes porque, segundo Egan (2007), a redescoberta de uma mente narrativa nos encoraja a prestarmos mais atenção na imaginação, por ela ser mais evidente na composição de narrativas e na percepção de sua coerência. Ele acredita que aprender a seguir narrativas parece envolver o desenvolvimento de capacidades intelectuais mais significativas do que tem sido tradicionalmente reconhecido.



Imagem 5: Os três porquinhos trabalhando.



Imagem 6: A pequena sereia e suas amigas

Segundo Coelho (2000, p. 27) citado por Vieira (2015, p. 94) a literatura infantil é, antes de tudo, literatura; ou melhor, é arte: fenômeno da criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática, o imaginário e o real, os ideais e sua possível/impossível realização. E explica ainda que:

o desenvolvimento humano se constitui por meio de sua consciência cultural, é relevante compreendermos a importância do papel que a literatura pode vir a desempenhar para as crianças. Pois, a literatura, dentre as demais manifestações artísticas, é a que “atua de maneira mais profunda e essencial para dar forma e divulgar os valores culturais que dinamizam a sociedade e ou uma civilização” .

Sabendo que desde criança, o universo imaginativo povoa as criações cotidianas dos pequenos; desenhar, contar histórias, brincar, são situações demonstrativas das maneiras de as crianças se expressarem e interpretarem o real, o vivido e(m) suas dinâmicas culturais (SILVA, 2012, p. 50 in Vieira, 2015, p 106). Então, a partir destas estratégias pedagógicas e destes instrumentos de pesquisa, reconto oral, dramatização e desenho, tentei compreender o valor destas para o desenvolvimento da imaginação, que é o objetivo geral deste trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa se desenvolveu com intuito de *Compreender o valor das práticas de leitura e contação de histórias como estratégias pedagógicas para o desenvolvimento da imaginação* com crianças entre quatro e cinco anos de idade em uma escola conveniada com o Governo do Distrito Federal. Este foi o objetivo geral do trabalho, que pude colocar em prática em sala de aula em uma pesquisa-ação.

Acredito que atingi este objetivo, a partir dos seus desdobramentos específicos, porque pude entender melhor a relação entre a literatura infantil e a imaginação, já que a contação de histórias oportuniza vivências e emoções que possivelmente a criança não consiga experimentar sozinha e estas auxiliam na construção das fantasias.

Na pesquisa-ação, consegui identificar os processos imaginativos das crianças em práticas de reconto oral com apoio do livro, a dramatização da história da *Chapeuzinho Vermelho* e os desenhos das possíveis continuações dos contos de fadas. Os momentos criativos também foram muito interessantes, porque pude perceber que as crianças se utilizam da criatividade

e imaginação não só em momentos de brincadeiras, mas também, em relação à língua e à fala.

Ler para as crianças, além de estratégia pedagógica para desenvolver a imaginação, também foi um momento de compartilhar risadas, alegrias e vivências literárias muito ricas.

Ainda tive a oportunidade de construir junto com as crianças o Cantinho da Leitura e ensiná-las a cuidar e a valorizar objetos e pessoas, a partir de um momento frustrante na pesquisa, mas muito significativo tanto para mim como para as crianças.

Acredito que alguns princípios e teorias em relação à Educação Infantil merecem ser melhor explorados já que não são objetivos específicos deste trabalho, foram brevemente abordados. Quem sabe sejam agregados em uma pesquisa futura mais detalhada e aperfeiçoada.

Apesar de se constituir como um exercício de pesquisa, este trabalho foi enriquecedor para finalizar *com chave de ouro* minha graduação, porque me proporcionou momentos essenciais de reflexões, me fez entender melhor a importância da literatura e da imaginação na infância, além de me oportunizar a ler livros incríveis e muito ricos sobre o assunto.

PERSPECTIVAS FUTURAS

Como já disse no Memorial, sempre sonhei em ser professora. Então, concluindo a graduação pretendo atuar em sala de aula, preferencialmente em um dos três anos iniciais do Ensino Fundamental I e na rede pública de ensino, porque acredito que terei mais liberdade de atuar com práticas pedagógicas alternativas, seguindo os princípios de José Pacheco e Rubem Alves.

Futuramente penso em fazer uma especialização em alfabetização, seguindo a linha de pesquisa deste trabalho, com projetos de contação de história como estratégia para o desenvolvimento tanto da imaginação como da leitura e escrita.

Ainda não tenho certeza absoluta, mas gostaria de fazer mestrado e doutorado para ser cada vez mais uma professora melhor para meus educandos da Educação Infantil ou Ensino Fundamental I.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. *Literatura infantil: gostosuras e bobices*. São Paulo: Scipione, 1997.

BARBIER, René. *A pesquisa-ação*. Brasília: Liber Livro Editora, 2004

BATTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. Tradução de Arlene Caetano. 21ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

CADEMARTORI, Lígia. *O que é literatura infantil*. 6ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

CAMBI, Franco. *História da pedagogia*. Tradução de Álvaro Lorencini. São Paulo: Fundação Editora da UNESP (FEU), 1999.

CARVALHO, Bárbara V. *A Literatura Infantil: histórica e crítica*. 5ª ed. São Paulo: Global, 1987.

Contação de histórias. In Britannica Escola Online. Enciclopédia Escolar Britannica, 2015. Web, 2015. Disponível em:

<<http://escola.britannica.com.br/article/482590/contacao-de-historias>>. Acesso em: 06 de novembro de 2015.

CORSARO, W. A. Reprodução Interpretativa e Cultura de Pares. MÜLLER, F.; CARVALHO, A. M. A. (Orgs.). Teoria e prática na pesquisa com crianças: Diálogos com Willian Corsaro. São Paulo: Cortez, 2009.

EGAN, Kieran. *Por que a imaginação é importante na educação?* In: FRITZEN, Celso e CABRAL, Gladir da Silva (Orgs.). *Imaginação e educação em debate*. Campinas SP: Papyrus, 2007.

EGEL, Guido I. *Pesquisa-ação*. In: Educar, Curitiba, nº 16, p. 181-191. Curitiba: Editora da UFPR, 2000.

FERNANDES, Ana M. A. *Da fábula ao imaginário infantil: recepção interpretativa pelas crianças de uma história tradicional*. Braga, Portugal. Universidade do Minho/ Instituto de Estudos da Criança, 2008. Dissertação de Mestrado em Estudos da Criança.

FORTUNATI, Aldo. *A educação infantil como projeto da comunidade: crianças, educadores e pais nos novos serviços para a infância e a família: a experiência de San Miniato*. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2010.

HELD, Jacqueline. *O imaginário no poder: as crianças e a literatura fantástica*. Tradução de Carlos Rizzi. São Paulo, Summus, 1980.

HOUAISS, Antônio. VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. 1.ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

KETELE, J.; ROEGIERS, X. *Méthologie du recueil d'informations: fondements de méthodes d'observation de questionnaires, d'interviews et d'étude de documents*. 2. ed. Bruxelles: De Boeck Universisté, 1993.

KRAPP, A. et. al. *Forschungs-Wörterbuch. Grundbegriffe. Lektüre wissenschaftlicher texte*. München: Urban & Schwarzenberg, 1982.

MARTÍNEZ, Albertina M. *Criatividade, Personalidade e Educação*. São Paulo: Papyrus, 1997

MARTINEZ, Albertina M. e TACCA, Maria Carmen V. R. (org.) *A complexidade da aprendizagem: destaque ao ensino superior*. Campinas, SP: Alínea, 2009.

PONTES, Luciano. *Uma história sem pé nem cabeça*. Ilustrações André Neves. São Paulo: Paulinas, 2006.

ROGOFF, Barbara. *A natureza cultural do desenvolvimento humano*. Porto Alegre: Artmed, 2005

SANDRONI, Laura R. e MACHADO, Luiz R. (org.) *A criança e o livro*. São Paulo: Ática, 1987.

THIOLLENT, Michel. *Metodologia da Pesquisa-Ação*. São Paulo: Cortez, 1985.

VIEIRA, Débora C. S. C. *A imaginação na produção narrativa de crianças: contando, recontando e imaginando histórias*. Tese de mestrado, Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, 2015.

VIGOTSKY, Lev S. *A construção do pensamento e da linguagem*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

VIGOTSKY, Lev S. *Imaginação e criação na infância*. Tradução de Zoia Prestes. São Paulo: Ática, 2009.

ZILBERMAN, Regina. MAGALHÃES, Ligia C. *Literatura Infantil: autoritarismo e emancipação*. São Paulo: Ática, 1987.